

Será este o perfil paradigmático do historiador?

São traços do perfil do historiador, pelo menos os seguintes, cuja enumeração não vai sujeita a qualquer ordem preconcebida:

1) Nada afirmar, ou nada negar, em relação ao passado, que não seja baseado em documentos, contrastados pela ficção de uma apertada crítica externa e interna. Onde documentos não há, a história não se pode fazer.

Fustel de Coulanges, o austeríssimo historiador francês (1830-1889), dizia: «O melhor dos historiadores é aquele que se atém mais de próximo aos textos, que mais justamente os interpreta, que só escreve e pensa de acordo com eles.»

E acrescentava: «A história não é uma arte. É uma ciência pura. Não lhe cabe narrar com agrado ou dissertar em profundidade. O que lhe cabe, como ciência, é constatar os factos, analisá-los, aproximá-los, assinalar-lhes os laços que os prendem.»⁽¹⁾

2) Não lhe faltará sagacidade na verificação de todo o material que vai empregar na construção do seu edifício. Ao pôr pedra sobre pedra, terá o cuidado de as dispor de tal maneira que a segunda não esmague a primeira, nem as seguintes as que as precedem. E assim irá até à cúpula. Para uma arquitectura bem travada, a contrastaria dos materiais empregados tem de ser a mais rigorosa ⁽²⁾.

(1) *La Monarchie Franque*, cap. I, parte 3.

(2) Erro entrado em circulação dificilmente se dissipa. Pega mais facilmente que a verdade. Remy de Gourmont ia ao ponto de dizer: «La vérité ne se fait jamais jour: une erreur entrée dans le domaine public n'en sort jamais: les opinions se transmettent, héréditairement, comme deterrains — on y bâtit — cela finit par être une ville: cela finit par faire Histoire». (Em *Épilogues*, no cap. *Hoche et l'idéalisme historique*.)

3) Não poderá gaguejar na exposição — exposição feita de lógica sem alçapões, sem sofismas, sem falácias de qualquer espécie. Há-de saber o que diz, e dizê-lo com elegância tal que, nem por sombras!, atraíçoe a verdade.

4) Tudo verá de lá para cá, que não de cá para lá. E com isto queremos dizer que se colocará, pela imaginação, no tempo dos acontecimentos e os julgará com a mentalidade da época em que eles se situam. Se imiscuir o presente no passado, arrisca-se a emitir os juízos mais contraditórios e inevitavelmente parciais (3).

De facto, é preciso julgar as coisas de lá para cá, e não de cá para lá. Hoje, se alguém se lembrasse de chamar hetera a uma mulher, logo daí meio-mundo tiraria a conclusão de ser uma prostituta mais ou menos fina. Fossemos nós a trasladar esse juízo para as heteras gregas, e erraríamos em toda a linha.

Com efeito a hetera era a companheira ilustrada, que assistia aos banquetes dos intelectuais e dos artistas e com eles dialogava. Segundo Platão, Sócratas dialogava sobre o amor com Diotima, hetera famosa da época. As mulheres casadas seriam mal vistas fora de casa. O recolhimento, à maneira oriental, apesar de toda a propaganda que se fez no sentido contrário, foi a norma no mundo grego. As heteras, sim, Essas conviviam largamente com a fina flor dos homens, e eram tanto mais requestadas quanto maior fosse a sua beleza, as suas aptidões para a dança e para a música.

Baudelaire à sua amante, dizia: *Sois belle, et tai-toi*. Sê bela, e bico calado. Às heteras pedia-se-lhes beleza, sim, mas não apenas física. E a sua beleza só seria completa com as prendas da filosofia, da dança e da flauta.

(3) Anatole France não acreditava na história imparcial. Dele as palavras seguintes: «Há, acaso, uma história imparcial? Em primeiro lugar, que é a história? A representação escrita dos acontecimentos passados. Mas que é um acontecimento? É qualquer facto? Não. É um facto notável. Ora como é que o historiador julga que um facto é ou não notável? Julga arbitrariamente.» (*Jardin d'Epicure*, pág. 139, Paris, 1895).

Barbey d'Aurevilly, por sua vez, dizia: «Onde os historiadores param, nada mais sabendo, aparecem os poetas e adivinham. São capazes de ver, mesmo quando os historiadores nada (nadinha!) vêem. É a imaginação dos poetas que trespassa a espesura da tapeçaria histórica, ou que a volta, para mostrar o que está por detrás...» (*Une page d'histoire*, IV.)

É fundamental ler os juízos emitidos pelos contemporâneos dos acontecimentos. São eles que, *de visu*, assistiram aos factos seus coevos, e, portanto, desprezar os seus juízos seriam má tática para o historiador.

Dir-se-á: eles, por terem, talvez, tomado parte nos acontecimentos, encaram-nos com exagerada paixão, ou no sentido de os exaltar, ou no sentido de os denegrir. A mentalidade é, neles, uma excepção.

Assim será. Mas nós, cá de tão longe, no tempo, não correremos o risco de julgarmos o passado à luz das nossas ideas e sentimentos?

Se os nossos juízos têm de ser acautelados da nossa contemporaneidade, também nos devemos acautelar de tomar muito à letra o depoimento daqueles que assistiram, em flagrante, aos acontecimentos da sua época.

Trabalho de argúcia crítica do historiador deve ser esse de peneirar o que, nesses tais juízos, haja de pura farinha e de grosseiro farelo, de verdade e de mentira.

Por mais estranho que possa parecer, às vezes, em história, melhor se vê de longe, do que ao perto.

Enfim: importa saber dosear o ponto de vista dos que assistiram aos factos e o nosso próprio. E, assim, talvez nos aproximemos da verdade.

Manda a objectividade que o historiador compulse as fontes dimanadas de todos os sectores — inclusive dos inimigos. E, depois, ao julgar o norte para agulha magnética da sua consciência não será o ódio, nem a simpatia, mas só aquilo que as provas irrefragáveis lhe ditarem.

A tendência natural do homem é o egocentrismo. O seu jeito peculiar é tudo referir a si próprio, pelo que os seus juízos, quando tem que os emitir, vão, quase sempre, tocados de subjectivismo.

O historiador, se o for de verdade, vê as coisas, os homens, os acontecimentos, com mais objectividade. Intencionalmente, evita o egocentrismo, para olhar o mundo com olhos de pluralista. Toma as perspectivas que os factos lhe exigem. Foge de se considerar centro do mundo, evita tomar-se como padrão pelo qual tudo deve ser aferido.

Muito difícil, ainda quando mesmo somos coevos dos acontecimentos, e estes estão ocorrendo à nossa vista, dizer que se-quência eles virão a ter. Uma incógnita. Pode palpitar-nos que o

andamento — em função do já acontecido — será um e, afinal, vir tudo a ocorrer em sentido absolutamente diverso. As previsões em matéria social têm muito de precário.

5) Objectividade deve ser, no historiador, tema e... teima, sob pena de lhe negarmos o carácter de ciência. E não pode ser historiador, qualquer um. Para que o seja, com perfeito bilhete de identidade, há-de o historiador possuir sólida erudição dos factos, de contrário, não faz história, faz romance, ou novela.

Mas, sobre ser erudito de boa cepa, deve também o historiador, na ressurreição do passado, dar provas de que é pensador de primeira água, crítico arguto, artista⁽⁴⁾, psicólogo subtil, para nos pôr de pé os caracteres individuais, os levantamentos colectivos nas suas reivindicações, as razões que o coração humano tem e que a razão desconhece, se quisermos falar a linguagem pascaliana.

6) Disse Schlegel que o historiador é um profeta do passado. No que parece haver certa ironia...

Mas descabida. Quem não for sagaz, arrumará documentos, mas neles não saberá ler a implícita profundidade.

Profeta do passado não o é qualquer. Ler nele, como em livro aberto, lê-lo nas linhas e entrelinhas, não é para qualquer investigador da Torre do Tombo.

Historiadores, muitos os chamados. Mas, eleitos, só os his-toriadores-profetas do passado. Só estes possuem a intuição do que *foi*. E já nas premissas do pretérito eles entreadivinham muito do futuro.

7) Historiadores, muitos os chamados, porém poucos os eleitos.

Eleito nos parece que deverá ser aquele que forcejar por esquecer que é deste ou daquele país, que não se deixou arrebanhar por este ou por aquele partido político, por esta ou por aquela comunidade fechada, de rígidos estatutos, que não deve a sua fortuna a esta ou àquela instituição, e que não invoca a genealogia de seus pais ou dos seus amigos.

(4) Paul Valéry, em *Variété V*, no cap. *La tentation de (Saint) Flaubert*, assim exalta a arte, em desfavor do documento histórico: « Flaubert, avec son temps, croyait a la valeur du «document historique» et a l'observation du présent toute crue. Mais c'était la de vaines idoles. Le seul réel dans l'art, c'est l'art.»

Utopicamente, o historiador deveria ser tal que fosse *prolem sine matre creatam*, que não tivesse pátria ⁽⁵⁾, e se dissesse (e fosse) apenas cidadão do mundo. Não ao serviço de qualquer imperador, de qualquer rei, de qualquer comando político ou religioso, ⁽⁶⁾, mas apenas — e só — ao serviço da verdade. Mau historiador o será, provavelmente, aquele que estiver enlaçado em várias dependências que, de certo, lhe limitarão a imparcialidade.

Mas será que existem historiadores dessa estirpe? Este o problema.

8) O historiador deve ser um erudito. Essa uma das condições mestras. Das *sine qua non*. Mas estará ele à altura de ser historiador, se não for um homem bem traquejado na vida dos homens do seu tempo? Será que o perfeito conhecimento da actualidade constitui perigo para a interpretação do passado? A nós se nos afigura que não se... Se, todavia, como atrás dissemos, não transplantar para o passado os juízos que apenas são válidos para o *aqui e agora*. Como, porém, os homens, através dos tempos, não mudaram radicalmente, o conhecimento da hora que está correndo pode aproveitar também ao conhecimento da hora que já vai muito longe ⁽⁷⁾.

⁽⁵⁾ Fénelon (1651-1715) quem escreveu: «Le bon historien n'est d'aucun temps ni d'aucun pays: quoiqu'il aime sa patrie, il ne la flatte jamais em rien.» (*Lettre a M. Dacier*, IV.)

⁽⁶⁾ O preconceito religioso é assim considerado pelo historiador Arnold J. Toynbee, em *An historian's approach to religion*, cap. X: «O ponto de vista do historiador não é incompatível com a crença de que Deus Se revelou ao Homem no propósito de o ajudar a alcançar a sua salvação espiritual, que lhe seria inacessível pelos seus próprios esforços. Mas desconfiará o historiador, *a priori*, de toda a apresentação da tese que afirma, além disso, que a *única* revelação final foi concedida por Deus ao «meu» povo do «meu» tempo, no «meu» satélite, do «meu» sol, na «minha» galáxia. Nessa aplicação egocêntrica da tese da revelação divina, o historiador verá o pé bifurcado do Diabo.»

Lacordaire (1802-1861) estava incorrendo, antes da letra, na acusação de Toynbee, quando assim escreveu: «Les autres peuples ont eu des historiens, des jurisconsultes, des sages, des poètes, mais qui sont à eux seuls et forment comme une gloire privé, le peuple juif a été l'historien, le sage, le poete de l'humanité.» (Isto o que ele disse numa das suas *Conferencias*, a XL). O povo judeu na linha da frente, o *único*. Há aqui pé bifurcado do Mafarrico...

⁽⁷⁾ «...cet homme de la préhistoire est encore, jusqu'a un certain point, notre contemporain; il existe encore des hommes que nous considérons comme étant beaucoup plus proches des primitifs que nous ne le sommes et dans lesquels nous voyons les descendants et successeurs directs des ces hommes de jadis.» (Sigmund Freud. *Totem et Tabou, interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs*, pág. 9, Paris, 1975.)

Que o historiador não seja, pois, o puro homem de gabinete, mas antes o homem misturado à vida do seu tempo, para com maior rigor *humano* dar a perspectiva psicológica das gerações passadas.

Jaime Cortesão não hesitava em escrever as palavras seguintes:

«Toda a história escrita tende a tornar-se uma interpretação do passado. Por isso se tem dito que cada geração a escreve à sua maneira. Assim é, e deve ser».

E Joel Serrão, que transcreve as palavras anteriores (8), diz, por sua vez:

«...Quanto à história, importa acentuar, com toda a clareza possível, que ela serve o presente e o futuro — e não o passado! Se estudamos as épocas pretéritas, é tão-só porque o nosso tempo o exige. É porque precisamos de compreendê-lo — *para nele situarmos a acção*. E necessariamente, a *minha* perspectiva histórica não pode deixar de ser informada e condicionada pela minha capacidade perceptiva, função, além dos mais, da experiência que possuo da época em que me é dado viver» (9).

Corroboram, portanto, Jaime Cortesão.

E ambos corroboram Benedetto Croce..., que afirmava: «Ogni vera storia é storia contemporanea.» E ainda: «La contemporaneità non é carattere di una classe di storie... ma carattere intrinseca *di ogni storia*» (10).

9) A função do historiador não é ser patriota (11). Nem anti-patriota. O seu papel é apenas pesquisar a verdade, em função da documentação arquivística. Deverá ver (já o dissemos) os acontecimentos de lá para cá, que não de cá para lá. Vê-los, quanto possível, em um local, no tempo e no espaço.

A lição da história deve ressaltar da verdade, interpretada

(8) *Temas de Cultura Portuguesa*, pág. 150, Lisboa, 1960.

(9) *Op. cit.*, pág. 17-18.

(10) Em *Teoria e Storia della Storiografia*, citado por Arnold Toynbee, no cap. I do seu livro *An historian's approach to religion*.

(11) O patriotismo é um sentimento muito louvável, desde que não se confunda com chauvinismo, que é a forma patológica do patriotismo. Mas, se o patriotismo é virtude, a história não é virtude nem vício, é apenas uma ciência e, por isso mesmo, tem no seu programa a verdade, e só a verdade. O patriotismo, está dito e redito, é mau conselheiro para o historiador.

com o máximo de isenção. Subjectivismos, não. Parcialidades, não. Objectividade, sim. ⁽¹²⁾,

Anda aí contado nos livros, que quando Leão XIII abriu, de par em par, os arquivos secretos do Vaticano a Ludovico Pastor, à pergunta leal do grande historiador se poderia usar de tudo quanto a documentação dissesse, o Papa lhe respondeu, repetindo Marco Túlio: *Ne veri falsi dices, nec quid veri non dicas*.

Melhor resposta não se poderia dar.

10) Sobre ser espírito analítico, também o historiador deverá possuir espírito de síntese. Renan (1823-1892) assim o dava a entender. Quem lhe não aceitaria o processo seria Fustel de Coulanges, historiador que se agarrava aos textos *tais quais*, sem os mutilar nem acrescentar. Mas que dizia Renan? Isto: «Os textos precisam da interpretação em que o gosto esteja presente: importa solicitá-los docemente, até que cheguem a aproximar-se e a formar uma síntese em que todos os dados se fusionem harmoniosamente». ⁽¹³⁾

E ainda no mesmo Prefácio: «O talento do historiador consiste em fazer uma verdadeira síntese com traços ainda que estes sejam apenas meias verdade.»

Não! Coulanges, nunca, por nunca!, se afoitaria a sínteses desse teor.

Vale a pena transcrever o essencial duma carta de Herculano a Oliveira Martins, escrita de Vale-de-Lobos, sem data:

«...V. S.a faz-me, ou o favor, ou a justiça, no seu opúsculo, de me supor um homem de análise. Não há-de, pois, admirar-se de que lhe diga que me parecem perigosas, para não dizer outra coisa, essas tendências. A generalização, a síntese são, em absoluto, coisas excelentes: são a ciência, na sua forma definitiva e aplicável. Mas, para generalizar e sintetizar, é necessário haver que. Ora, a história, na significação mais ampla da palavra, ainda não possui elementos suficientes para a generalização. Desde a paleontologia e a etnografia, até à história das sociedades modernas, há muitos factos adquiridos indubitável e indisputadamente para a ciência; mas há muitos mais ignorados, incompletamente conhecidos, ou disputados; e isto não só na história política e na social,

(12) Aliás, não falta quem diga que a imparcialidade é a virtude dos papa-açorda. No Evangelho de S. João se diz que o Senhor estava sempre disposto a vomitá-los.

A imparcialidade, diz-se, é virtude de mortos. De vivos, não.

(13) No Prefácio de *La Vie de Jésus*.

mas também no desenvolvimento intelectual do género humano, na das letras e da ciência. Que síntese seria possível assim? Enquanto a análise não tiver subministrado uma extensa série de monografias definitivas, as sínteses que andam por aí correndo não passam de romances pouco divertidos, quando não são pior do que isso: uma geringonça absurda.

No tempo em que eu andava peregrinando por esse mundo literário, antes de me recolher ao mundo tranquilo de santa rudeza, conversei um pouco com Vico e Herder, com Vico e Herder, como a Itália e a Alemanha os geraram, e não como os aleijaram os cabeleireiros franceses (todo o francês, com raras excepções, tem um pedacinho de cabeleireiro). Sempre me pareceu que tinham nascido antes do seu tempo. Deus ter-lhes-ia, de certo, perdoado o mal que fizeram. Sem o quererem, nem pensarem, deram origem a uma coisa em história que eu só sei comparar ao gongorismo da poesia e da prosa literária do século XVII» (14).

Coulanges — nós o dissemos atrás — nunca se afoitaria a sínteses que não fossem baseadas em longos anos de análise (ele quem dissera que, para uma hora de síntese, são precisos dez anos de análise). Herculano também não.

11) Não se atreverá o historiador a dizer que escreveu história na clave do definitivo. Não há definitivo em história. Esta está sujeita a revisões constantes. Novos documentos, novas perspectivas. Renan não exagerava ao falar das ciências históricas como «*petites sciences conjecturales, qui se défont sans cesse après s'être faites, et qu'on négligera dans cent ans*» (15).

Pois se até as ciências chamadas de rigor quantitativo estão sujeitas a revisão, como o não estariam as ciências históricas, onde a linguagem matemática não é perdida nem achada?

12) O historiador terá, de uma só vez, aquilo a que Pascal chamou *esprit de géometrie e esprit de finesse*. O primeiro destes espíritos, no caso da história, é a estrita objectividade, a límpida sujeição ao documento. O segundo é a própria sageza. Sábio e sage, eis o que o historiador deve ser. Julga acontecimentos nos quais os homens foram perdidos e achados. Pois mal não lhe fica

(14) *Cartas*, tomo II, págs. 33-34, Lisboa, s/d.

(15) *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, em *Le Seminaire d'Issy*.

ser homem também, a julgar homens, temperando a justiça com a equidade.

13) Deve o historiador ser apartidário. De facto, quando a história é escrita pelo filiado dum partido político, raro é que não procure transmitir ao futuro uma imagem lisonjeira do seu partido. Se o partido teve virtudes, o historiador filiado o porá num altar. E se se cometeu erros, ou estes serão omitidos, ou serão ainda teimosamente defendidos como «verdades verdadeiramente verdadeiras», porque o partido nasceu e cresceu nos signos da infalibilidade.

14) Para o historiador, o humano deve constituir tema e... teima. O humano no princípio, meio e fim. Ele, historiador, mais do que nenhum outro intelectual, dirá, protagorianamente, que o homem é a medida de todas as coisas, ou terencianamente: nada do que é humano me é indiferente.

O historiador deve ser profundamente humano. Homem por inteiro, de olhos bem despertados para a humanidade que o cerca, de tal maneira que a humanidade já volvida não lhe pareça um enigma indecifrável. Deve levar, para a leitura dos documentos, um fundo sentimento de humanidade. Se for simples rato de biblioteca, simples ficheiro erudito cheirando a mofo, credo!, fará uma história ela própria cheirando a bafio.

Deve ser atributo do historiador a simpatia. Com efeito, se ele quer compreender e penetrar fundo nas almas das gerações passadas, reconstituindo o que os homens pensaram, sentiram, fizeram e como viveram e morreram, como poderá deixar de possuir a intuição gerada pela simpatia?

Cruz Malpique